e-ISSN: 2177-8183

A ÉTICA COMO PONTO DE PARTIDA NO COMBATE AO PLÁGIO NA ERA DA INFORMAÇÃO

ETHICS AS A STARTING POINT IN COMBATING PLAGIARISM IN THE INFORMATION AGE

LA ÉTICA COMO PUNTO DE PARTIDA EN EL COMBATE AL PLAGIO EN LA ERA DE LA INFORMACIÓN

Diego Taffarel Silva Ribeiro
diego.taffarel@estudante.iftm.edu.br
Mestre em Educação Tecnológica
Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM

Adriano Eurípedes Medeiros Martins
adrianomartins@iftm.edu.br
Professor Titular do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância da ética como fundamento essencial no enfrentamento ao plágio no contexto da Educação Básica. A partir de uma abordagem filosófica e sociológica, dialogando com autores como Rousseau e Maquiavel, analisa-se como a formação moral dos estudantes pode ser comprometida por práticas como o plágio, especialmente diante do avanço da inteligência artificial. O estudo enfatiza que o uso ético de tecnologias, como o ChatGPT, depende de uma sólida orientação pedagógica voltada para a autoria, a responsabilidade e o pensamento crítico. A educação ética é apresentada como base para a construção de um ambiente escolar íntegro e justo.

Palavras-chave: ética; plágio; educação; inteligência artificial; formação moral.

ABSTRACT:

This article aims to reflect on the importance of ethics as a fundamental basis for addressing plagiarism in the context of basic education. Using a philosophical and

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

sociological approach, drawing on authors such as Rousseau and Machiavelli, it analyzes how students' moral formation may be undermined by practices like plagiarism, especially with the rise of artificial intelligence. The study emphasizes that the ethical use of technologies such as ChatGPT depends on solid pedagogical guidance focused on authorship, responsibility, and critical thinking. Ethical education is presented as the foundation for building an honest and fair school environment.

Keywords: ethics; plagiarism; education; artificial intelligence; moral formation.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la ética como fundamento esencial en el enfrentamiento del plagio en el contexto de la educación básica. A partir de un enfoque filosófico y sociológico, dialogando con autores como Rousseau y Maquiavelo, se analiza cómo la formación moral de los estudiantes puede verse comprometida por prácticas como el plagio, especialmente frente al avance de la inteligencia artificial. El estudio destaca que el uso ético de tecnologías como ChatGPT depende de una orientación pedagógica sólida orientada a la autoría, la responsabilidad y el pensamiento crítico. La educación ética se presenta como base para construir un entorno escolar íntegro y justo.

Palabras clave: ética; plagio; educación; inteligencia artificial; formación moral.

INTRODUÇÃO

A prática do plágio tem se tornado tema recorrente nos debates educacionais atuais, não apenas pela popularização de ferramentas tecnológicas que facilitam a reprodução de conteúdo, mas também pelas mudanças profundas nas dinâmicas sociais e educacionais. Vivemos em uma era marcada pela fluidez da informação, pelo imediatismo e pela cultura da superficialidade, fatores que desafiam a construção da autonomia intelectual dos estudantes. Conforme brilhantemente explicado por Leite (2025, p. 41), que ainda complementa que "O atual modelo de sociedade está criando uma crise intelectual, desabilitando o pensamento crítico do estudante. "

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Além disso, pesquisas revelam que muitos alunos ingressam no ambiente escolar sem compreender exatamente o que é plágio, embora reconheçam sua gravidade. Segundo dados levantados pela Unicamp e publicados na revista Veja em outubro de 2018, 87% dos alunos chegam à universidade sem saber o que é plágio. Ademais, 98,4% consideram que plagiar textos é algo grave ou gravíssimo, embora 36,7% tenham admitido que já copiaram textos sem citar a fonte e os autores. Entretanto, apenas uma minoria, 4,5% dos ouvidos, acredita que o ato seja intencional. Vale destacar ainda, que nessa oportunidade foram ouvidos 958 alunos.

Desse modo, percebe-se que há uma contradição clara entre essa percepção e a frequência da prática, indicando uma lacuna formativa preocupante.

É nesse contexto que a escola, especialmente no âmbito da Educação Básica, precisa assumir um papel ativo na promoção de valores éticos, superando o viés punitivo e investindo em ações pedagógicas que incentivem a autoria e o pensamento crítico.

Este artigo busca, portanto, refletir sobre ética como fundamento essencial no enfrentamento ao plágio. Para isso, recorre-se a autores clássicos e contemporâneos da Filosofia e das Ciências Sociais, estabelecendo um diálogo entre teoria e prática com vistas à construção de caminhos possíveis para o enfrentamento dessa realidade. A escolha metodológica, seguindo por uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-reflexiva se justifica pela complexidade do objeto em estudo, que demanda uma compreensão ampla sobre os fatores sociais, culturais e éticos que permeiam a prática do plágio no ambiente escolar.

A ÉTICA COMO PONTO DE PARTIDA

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

O século XVI ficou marcado por uma revolução científica, tecnológica e social, em que o fácil alcance às informações tornou cada vez mais palpável a possibilidade de construção de uma comunidade consumerista. Na visão de Streck (2020, p.78):

> Após a escrita, o homem letrado passou a ter uma nova compreensão de mundo e de seu contexto. Essa evolução segue ao longo dos anos e se encaixa à era das novas tecnologias. Uma criança em idade pré-escolar do início do século XX teve um funcionamento um tanto diferente de um bebê nascido no início deste milênio, e contextualizado na era digital. Se pudéssemos fazer um comparativo da velocidade com que uma criança da época de nossos avós ou bisavós executavam e aprendiam tarefas, com a forma como atualmente uma criança aprende e se desenvolve, certamente haveria alguma diferença.

Nesse panorama, percebe-se que em alguma medida, há uma sociedade que tenta de todas as maneiras possíveis alcançar objetivos, sem mesmo se atentar às consequências dos atos, devido a uma falsa felicidade que se dá pelo mero prazer de acúmulo de bens, alguns úteis, outros, fúteis. Rocha (2020, p.18) afirma que:

> No mundo moderno, talvez, não conseguimos aceitar que somos os próprios responsáveis por nossas “doenças” e/ou felicidade, ou pelo menos é dessa forma que parece nos ser determinado. No meio disso tudo, podemos identificar boa parte de nossos esforços voltados para aquisição de bens de consumo, já que são eles os mais próximos e acessíveis nessa nossa busca pela máxima positividade.

Nessa esteira, Vilela e Silvestrini (2017, p.255) apresentam a alegoria do mito da caverna, do filósofo Platão, e demonstram que, atualmente, a sociedade vive em uma espécie de caverna digital, que torna a população alienada e refém da tecnologia por não saber ao certo como utilizá-la a seu favor:

> Trata-se da caverna digital em que, com os dorsos voltados para a realidade, os homens têm olhos apenas para os dados e informações vindas da rede mundial de computadores, em especial pelas redes sociais (facebook, instagram, twitter, dentre outras mídias sociais), tomando-as como verdades absolutas, sem ao menos buscar saber sua fonte e nem a sua real validade e sem, muito menos, passá-las pelo crivo da crítica, em uma disseminada pauperização da formação do espírito humano (Vilela; Silvestrini, 2017, p. 255).

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Ou seja, estamos, portanto, em uma sociedade de consumo, na qual o simples fato de adquirir coisas torna a vida menos caótica e, por conseguinte, causa uma sensação inexplicável de felicidade. Segundo Ramos (2012, p.37):

> A sociedade de consumo possui na atualidade uma ideologia que se funda no oferecimento de um remédio universal para todos os males do homem moderno. Contra o tédio, a depressão, a tristeza, o insucesso e a frustração pessoal, o consumo mostra-se como única alternativa à disposição da sociedade para alcançar a felicidade.

Assim, se antigamente, antes de todo esse avanço tecnológico já discutido, as pessoas eram induzidas ao consumo por intermédio de propagandas em canais populares e abertos na televisão, no contemporâneo de algoritmos, somos instigados a acessar plataformas online de modo a adquirir, inclusive, aquilo que não necessitamos. Soma-se a isso, atualmente, o fato de a economia do conhecimento causar transformações estruturais, que tornam os alunos aptos e receptíveis às noções técnicas, científicas e teóricas, trazendo à tona o consumismo, inclusive, no mercado de trabalho. Afonso (2015, p. 272) explica que:

> A economia do conhecimento é, assim, o lado mais pragmático e lucrativo da aprendizagem, ao longo da vida e da sociedade do conhecimento, ou seja, é o contexto onde atualmente se expressa a relação mais evidente entre a produção de conhecimento e os novos processos de acumulação capitalista.

Além do mais, intensifica o autor:

> Se adotássemos uma perspectiva durkheimiana[1], poderíamos dizer que a centralidade do conhecimento produtivo é mesmo um novo facto social, não apenas pela exterioridade com que esse conhecimento se apresenta, sobretudo quando desvinculado de biografias ou de outros percursos autônomos de aprendizagem individual ou coletiva, mas também porque parece adquirir uma dimensão coercitiva – razão pela qual, quando

[1] Durkheim em suas obras não cita diretamente a questão da centralidade do conhecimento, porém, acreditava na importância da produção de um conhecimento coletivo, ou seja, na combinação do conhecimento especializado e compartilhado para a evolução da sociedade.

CC BY

> pensamos as mudanças na universidade atual, os que não produzem (ou produzirem) conhecimentos supostamente produtivos tenderão a ser subordinados ou, eventualmente excluídos, nesse novo capitalismo imaterial (Afonso, 2015, p. 273).

Então, a perspectiva de formação para "produção" se torna cada vez mais presente no cotidiano global, resultando na constante capacitação como um dos caminhos para que o capital continue sendo a garantia de sobrevivência das grandes empresas e indústrias.

Ao adentrar especificamente na questão do plágio, sabe-se que tal conduta é considerada antiética e imoral, uma vez que fere certos princípios que estão na base valorativa da sociedade. Para Mazzini e Bastos (2016, p. 68), "A Moral pode ser considerada como um conjunto de regras obtidas nas relações culturais e socialmente estabelecidas e que interfere no comportamento das pessoas dentro de uma sociedade". Consequentemente, para que o tema plágio possa ser melhor analisado, faz-se necessário dialogar com o campo da Filosofia e da Sociologia. Afinal, há uma clara relação entre a conduta fraudulenta com os preceitos morais e éticos apresentados por diversos autores. Ademais,

> Ciência se faz com a construção do conhecimento, na realização de pesquisa, pensando na resolução de problemas, visando o desenvolvimento social e econômico da sociedade, por isso, a credibilidade da Ciência. Assim, podemos afirmar que os resultados das pesquisas realizadas no ambiente universitário contribuem para o progresso técnico-científico e desenvolvimento do país. Contudo, observa-se uma preocupação mundial com a integridade científica, pois fraudes têm sido constatadas e denunciadas tanto no meio acadêmico quanto no meio editorial. Diante disso, para a manutenção da credibilidade da Ciência, as más práticas científicas têm sido combatidas com normas de condutas, isto é, de acordo com boas práticas de pesquisa (Silveira, 2018, p. 44).

Sendo assim, quando o assunto envolve aspectos dentro de uma ação humana, é sempre importante dar destaque à convivência em sociedade, conforme explica Farina (2020, p.53):

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

> O indivíduo não se faz sozinho. Ele se constitui a partir de sua vivência em sociedade. Seu desenvolvimento, seus valores e crenças são formados a partir de sua convivência com outros. A cultura em que está inserido é parte constituinte de sua formação enquanto ser social. Mesmo vivendo em uma era em que as tecnologias modificaram a forma como as pessoas se comunicam e por vezes se relacionam, o contato e trocas entre os indivíduos continuam ocorrendo, trocas físicas e de conhecimentos.

Em consonância, Mazzini e Bastos (2016, p. 68) afirmam que "O desenvolvimento humano é um processo que acontece na interação dos indivíduos em diferentes meios". Ou seja, os valores humanos são construídos pouco a pouco, em um processo de desenvolvimento no qual o pacto social entra como uma vertente importante para que a relação civil seja inserida no contexto de acordo com as suas necessidades.

Então, as fontes que norteiam o [2]contratualismo natural pactuado entre o homem e o Estado tornam-se valiosas no presente estudo, principalmente, ao tomar por referência a teoria do contrato social, trabalhada na obra de Jean-Jacques Rousseau, por exemplo. Em interpretação livre de sua obra, pode-se entender que é impossível uma sociedade existir sem regras, ou seja, para que a coletividade conviva em harmonia é preciso que cada indivíduo conscientemente renuncie a parte da sua liberdade em prol de um bem comum. Outrossim, as referidas autoras complementam que:

> A moralidade e a ética devem estar presentes nas relações entre os indivíduos no ambiente escolar para possibilitar a formação de sujeitos cooperativos, e que possam construir nas relações de reciprocidade sua personalidade e, principalmente a autonomia. Dessa forma, é necessário refletir sobre o modo como a escola pode influenciar as crianças de maneira significativa no processo de construção de valores morais (Mazzini e Bastos, 2016, p. 74).

[2] Em linhas gerais, a escolha de enfatizar o pensamento de Rousseau se dá pela diferente linha de pensamento que o pensador possui se comparado a outros autores. Como no caso, por exemplo, de Hobbes, que sustentava a necessidade de existência de uma governança soberana e absolutista capaz de conter a agressividade inerente à natureza humana de modo a evitar o caos social, e Locke que, por sua vez, defendia a ideia de um governo limitado e garantidor de proteção aos direitos considerados naturais e individuais à vida, quais sejam, liberdade e propriedade.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Nessa esteira, Rousseau (2002, p. 56) esclarece que: “As leis não são propriamente senão as condições de associação civil. O povo, submetido às leis, deve ser o autor das mesmas; compete unicamente aos que se associam regulamentar as condições de sociedade”. Afirmação que pode ser mais bem compreendida mediante uma análise minuciosa de ponto a ponto. Na primeira parte, o autor sugere que a legislação regulamenta a convivência e a organização da sociedade. Na segunda, ao dizer que o povo deve ser o autor das leis, pode-se interpretar que a imposição por parte de uma autoridade em nada agrega, uma vez que para que uma lei seja criada é necessário que haja aceitação de quem é governado, ou seja, a legitimidade e eficácia jurídica surgirão a partir do momento em que o povo possuir participação na criação das “regras do jogo”. Por fim, apenas os membros da sociedade têm direito e responsabilidade para determinar a sua organização, opinando, inclusive, na forma como ocorrerão as relações individuais e coletivas.

Rousseau defendia, portanto, que a ética é uma consequência do convívio social em face da busca pelo bem comum e da natureza humana. Para ele, o homem é bom e simples em sua essência, porém o surgimento da propriedade privada gerou desigualdade e uma corrupção moral. Conforme esclarece Ramos (2012, p. 67):

> Para Rousseau, a submissão humana às necessidades da natureza atua como elemento indispensável ao aprendizado do homem de como controlar suas paixões, tornando-se assim virtuoso. As necessidades criadas pela sociedade são as responsáveis pela degeneração da bondade natural do indivíduo, que embora presente em sua natureza, acaba por se corromper. Portanto, se no estado natural os seres humanos são regidos por necessidades amparadas na necessidade de autopreservação, chamada por Rousseau de amor-de-si, na sociedade contemporânea, temos o estado civil, e nele esse princípio é substituído pelo orgulho e sucumbe às paixões e desejos artificialmente criados pelo homem, dando lugar ao que o teórico classifica como amor próprio.

Logo, na perspectiva do direito autoral, mais especificamente no campo da propriedade intelectual, percebe-se uma conexão com a obra de Rousseau, visto que

e-ISSN: 2177-8183

embora os direitos autorais sejam privados, pertencentes aos indivíduos, eles implicam, em alguma medida, toda a sociedade. Considerações que possuem ressonâncias significativas no que diz respeito ao acesso aos bens intelectuais como livros, filmes e artigos científicos. Cônscio desse tipo de cenário preocupante, Rousseau, naquela época, já refletiu sobre a justiça e a equidade na distribuição dos recursos culturais e intelectuais. Por seu turno, em harmonia, Albrecht salienta (2017, p.2) que:

> O novo contexto propiciado pelo ambiente digital trouxe uma série de desafios à aplicação dos direitos autorais, uma vez que a difusão das obras se tornou mais fácil e rápida. As legislações nacionais sobre direitos autorais, as quais foram desenvolvidas com base no funcionamento do mundo analógico, careciam de aparatos adequados para lidar com o novo contexto. A Internet rompe com princípios basilares dos direitos autorais, como a territorialidade, pois permite novas formas de interação social que vão além das fronteiras físicas dos países.

Ora, a convivência em sociedade, naturalmente, contempla conflitos de ideias, gerando discordâncias. Farina (2020, p. 54) sublinha que muitas vezes, para que as tensões sejam resolvidas, é preciso haver alguma interferência externa e que “em função de tais discordâncias, são criadas regras e leis que valem para toda a comunidade, independentemente das crenças e do entendimento ético de cada um, buscando, assim, o bem-estar social”. Além disso:

> Como ser historicamente constituído, o homem vive e relaciona-se com conhecimentos, conceitos, realidades e relações criadas ao longo da existência da humanidade. Mesmo estando sozinho, as suas referências acerca do que é ético, de bem e mal, certo e errado, entre outras, são desenvolvidas com base na sua relação com o outro. Assim como muitas construções sociais, a ética é uma dessas criações e acompanha a humanidade há muito tempo (Farina, 2020, p.54).

Em contraposição, podemos citar a visão do Italiano Nicolau Maquiavel, que aborda a ética pelo viés político. Conhecido principalmente pela obra *O príncipe*, ele realizou sua produção intelectual durante o período da Renascença. Conforme explica

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Corrêa (2019, p. 3), esse foi um momento de intensas mudanças sociais na Europa e marcou sua transição para a modernidade.

> O pensamento de Maquiavel reflete um período conturbado em que a estrutura feudal de três classes – nobres, clérigos e povo – começa a ser extinta na Itália. No início do século XIII, as primeiras manifestações do capitalismo mercantil emergiam. Na segunda metade do século XIV, havia empreendimentos minerais e industriais. E diante deste contexto, as transformações políticas acabaram beneficiando a burguesia em detrimento dos nobres (Ramos, 2012, p.63).

Ainda nesse contexto do pensamento de Maquiavel:

> [...] a partir da observação prática e da história, a manipulação dos outros como instrumento para alcançar e manter o poder. Para efetivar essa premissa, ele ensina que parecer virtuoso é um aspecto positivo para alcançar metas políticas. Contudo, isso não significa que a virtude seja algo inerente ao líder, que precisa apenas construir um personagem que faça essa característica emergir (Ramos, 2012, p. 62).

Por esse prisma, o Estado estaria acima de tudo e todos, cabendo ao governante agir de acordo com essa premissa, mesmo que haja necessidade de se utilizar de meios considerados imorais ou antiéticos, ou mesmo tomar decisões impopulares em detrimento desse bem maior. Segundo Guerra e Fontes (2023, p. 524):

> [...] sempre agindo pelo bem do Estado, o príncipe poderia eventualmente recorrer a meios imorais, mas única e exclusivamente se a necessidade o exigir. Maquiavel está bem ciente de que ações como assassinato ou mentira são repreensíveis e moralmente inconcebíveis, mas ele distingue claramente entre julgamento moral e julgamento político. Na verdade, comportamentos que podem ser ruins de acordo com a moral podem ser bons politicamente e vice-versa. A crueldade, às vezes, pode ser necessária para o político, porque ele tem que enfrentar a natureza maligna dos homens, portanto, é uma questão de comportamento que, às vezes, torna-se obrigatória.

Ao contextualizarmos o plágio a partir da ética maquiavélica, em uma primeira análise, parece lícito dizer que “os fins justificam os meios”. Declaração tantas vezes apresentada por diversos autores, tendo como base o pensador Italiano. Entretanto,

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Ramos (2012, p.63) pondera que “A fraude acadêmica somente se justificaria na ética de Maquiavel se fosse desenvolvida na seara do Estado e voltada para o bem comum, o que não ocorre. ” Em acréscimo:

> Outro aspecto a ser considerado é que o conhecimento merece extrema relevância para o teórico político, uma vez que, sem ele, o homem seria totalmente submisso a seus desejos e estes seriam particulares, o que o coloca em confronto direto com seus pares na sociedade. Assim, a educação pensada por Maquiavel seria a força destinada a controlar a desordem inerente ao movimento tanto do desejo quanto da natureza. A burla, portanto, consistiria numa prática que impediria esse processo. (Ramos, 2012, p. 63).

Com isso, é possível fazer uma analogia com as condutas humanas frente ao plágio acadêmico e às ferramentas tecnológicas disponíveis, tais como o *ChatGPT*, que será abordado na próxima seção. Além do mais, não se deve esquecer o papel fundamental da escola na construção do indivíduo como ser social. De modo geral, o educador possui em suas mãos a competência de formar cidadãos capacitados para cooperarem com a sociedade de maneira cordial e respeitosa. Em consonância, Mazzini e Bastos (2016, p.72) defendem que:

> A construção de valores morais pode se dar no decorrer das vivências, passando por um processo sucessivo, o qual acontece na interação do indivíduo com o meio cultural e social e mediante relações interpessoais. Nesse sentido, o papel do professor é de fundamental importância, uma vez que ele é responsável por promover e estimular o respeito mútuo advindo das relações de cooperação, que tem como propósito a autonomia.

Com efeito, apesar de diversos pensadores teorizarem sobre a ética, aqui, optou-se por apresentar a visão de Rousseau e Maquiavel, de modo a analisar a questão contratualista pactuada em ambiente social, inclusive no âmbito do direito autoral, bem como a justificativa de se buscar alcançar objetivos, não raro, sem se atentar aos meios elegidos no processo.

CHATGPT COMO FORMA DE PESQUISA

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

A tecnologia pode proporcionar aos usuários um vasto leque de ferramentas de pesquisa, que contribuem para ir ao encontro de variadas informações no âmbito acadêmico, técnico etc. Vilela e Silvestrini (2017, p. 252) explicam que:

> Com a inserção da internet nas redes móveis de comunicação, como smartphones, tablets e modens portáteis, a transmissão de dados se tornou mais acessível e rápida. O envio e a recepção de dados, por meio da internet, possibilitaram o disseminado acesso a um sem número de informações instantâneas. Tal pulverização de informações causa impactos perceptivos que vão desde interferências na economia mundial e até mudanças culturais nos mais distintos lugares.

Todavia, quando o assunto é pesquisa, a internet não tem sido utilizada como fonte primária, justamente por este aspecto:

> Durante séculos, a historiografia baseou suas regras de validação de fontes e metodologia de análise em um suporte documental específico: o papel. Para a Escola Metódica, dita Positivista, do final do século XIX, o historiador deveria trabalhar, sobretudo, com documentos oficiais. Estes documentos eram, em última análise, textos registrados em papel: atos governamentais, tratados internacionais, códigos de leis, etc. Outras formas de registro das atividades humanas eram desprezadas ou relegadas às chamadas “ciências auxiliares”, como a Arqueologia e a Numismática (Almeida, 2011, p.10).

A pesquisa, em seu aspecto puro, serve à sociedade por meio de descobertas que engendram novas ferramentas, soluções e condições para evoluir. Entretanto, quando a ferramenta tecnológica é utilizada para fins que não sejam adequados, as informações expostas nas redes fazem com que a ideia de servir mude de contexto.

> Não se inova a partir de um único conhecimento, mas de múltiplas e fragmentadas visões. O desafio da atualidade é como promover a combinação de múltiplos fatores em avanço científico e tecnológico, tendo por fim a satisfação das necessidades humanas e gerando ganhos para a sociedade (Reis *et al*, 2017, p. 4).

Portanto, utilizar a rede para sanar dúvida ou buscar determinada informação em nada se equipara a fazer seu uso para alcançar resultados e objetivos pessoais, mediante condutas fraudulentas, desviantes e antiéticas. Os fins não justificam os

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

meios, e a pressão social quanto aos padrões de sucesso não deve ser um pretexto para que o indivíduo recorra aos atalhos moralmente questionáveis.

> Embora os estudantes estejam sendo considerados por seu êxito ou fracasso em relação ao resultado refletido por suas notas, a utilização do plágio é um ato de desonestidade que não pode ser flexibilizado perante este argumento. Além da flagrante transgressão ética na adoção do plágio, a legislação brasileira veda a sua prática e constitui crime a inobservância da proibição (Ramos, 2012, p. 20).

À medida em que a sociedade avança, há também uma adaptação nos métodos de pesquisa, principalmente por parte das novas gerações, que possuem um acervo gigantesco de fontes de informação em uma diversidade de opções. Então, é importante que se criem mecanismos de conscientização, de modo a promover a capacitação desses indivíduos, no que se refere ao método científico:

> Porém o mais significativo sobre o que vem a ser uma fonte de informação é saber usá-la, pois as fontes de informação são relevantes para seleção de informações, diante da necessidade de uma pessoa, organização ou grupos de pesquisadores para os afazeres cotidianos; quando um paciente pesquisa em um guia telefônico o contato de um médico especialista, está utilizando uma fonte de informação; um engenheiro à procura de normas para executar um procedimento de medida, encontra o que precisa em uma fonte de informação, ISO, NBR; um leitor buscando uma reportagem em um site de notícias, o site e a notícia passam a ser a fontes de informações. A aplicação de fontes de informações é abrangente, servem para qualquer fim, independentemente de qualquer que seja a necessidade do usuário. (Araujo; Fachin, 2016, p.83).

Afinal, a quantidade de informações disponíveis na rede prejudica no filtro daquilo que de fato possui veracidade ou não, por vezes tornando necessária a busca ainda por documentos físicos considerados oficiais. Desse modo, ainda que seja notória a

> [...] importância da leitura como direito de todo cidadão, no desenvolvimento intelectual e cultural da pessoa, formando seres críticos, capazes de refletir, analisar e transformar sua vida, sua realidade, seu entorno. A leitura dignifica o ser humano, permitindo e assegurando o acesso ao conhecimento que lhe

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

> é essencial como cidadão. Assim como a possibilidade de desenvolver a capacidade plena de compreensão do que está sendo lido (Castilho, 2022, p. 11).

Vilela e Silvestrini (2017, p.253) advertem que:

> [...] o grande problema que surge com tamanho fluxo de dados e informações é saber se tais dados e informações são verídicos ou não. Também a interpretação que fazemos deles e como filtrar informações úteis das inúteis, constitui um enleio. O que se percebe é que as interpretações e ações segundo as informações advindas da rede mundial de computadores encontram convergência dentro de um mesmo grupo cultural, étnico ou social, tornando mais delineadas as fronteiras que caracterizam e separam cada um.

Dito de outra forma, apesar da quantidade quase infinita de informações na internet, determinados tipos tendem a encontrar ecos em grupos específicos, criando bolhas em meio à comunidade global.

> Estamos inseridos num palco de grandes mudanças com a chegada das novas Tecnologias digitais de Informação e Comunicação. Essas que se infiltraram e se fizeram presentes nas atividades humanas. Isto posto, a tecnologia digital da informação surge na segunda metade do século XX, na junção da informática com as telecomunicações, revolucionando a própria tecnologia atual, propiciando grandes mudanças em toda a sociedade. (Castilho, 2022, p.16).

Outrossim, o saber, o senso crítico e a comunicação ganham forma, sobretudo a partir do momento em que o ser humano passa a ter um maior contato com livros, pesquisas, documentos, dentre outros.

> E nessa junção de saberes vai se formando um leitor maduro, capaz de decifrar as entrelinhas, que dialoga com segurança, ciente da sua fala e de seu ponto de vista, que a cada nova leitura vai construindo novos significados para seus questionamentos e sempre se refaz, pois a formação é contínua. Ler é uma ação inacabada e a cada exercício seu, em diferentes momentos, vão surgindo novas reflexões. Assim, o mesmo texto ou imagem pode transmitir de diversas formas, a depender do objetivo da leitura (distrativa, reflexiva, mecânica), o momento (tempo e espaço) em que se está lendo, a situação e estado do sujeito (Assis *et al*, 2021, p. 8937).

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Nessa esteira reforça-se, o contemporâneo não é mais como em outros tempos, pois a sociedade passou por quebras de barreiras até chegar a essa realidade rodeada por um ciberespaço que diminui as distâncias entre as pessoas. Com isso, Castilho (2022, p.17) destaca que:

> Diante da nova realidade em que a sociedade se encontra, onde as tecnologias de comunicação e disseminação de informações se tornaram muito presentes no cotidiano de cada um, o ciberespaço, também conhecido e chamado de rede, se torna um local a mais para a comunicação e interação humana, conhecendo outras pessoas e a si mesma sem demandar locomoção. A tecnologia apaga a distância entre o emissor e o receptor da mensagem transmitida dentro de uma rede.

Assim, apesar dos percalços trazidos à tona em razão da tecnologia, é fato que o meio digital tem ganhado cada vez mais espaço nas relações humanas, graças à sua agilidade e eficiência no que diz respeito à comunicação em tempo real. Castilho (2022, p.18) apresenta essa noção ao dizer que:

> São notórias as mudanças sociais e comportamentais do século atual, advindas de novas transformações e do desenvolvimento tecnológico. O meio digital veio com o intuito de abrir um novo espaço para comunicação. Uma das características a ser citada dessa nova tecnologia digital é a descentralização da comunicação, onde o receptor da mensagem passa também a ser produtor dela, proporcionando assim um novo modo de gerar e difundir uma informação. Com esse novo modelo informatizado de comunicação, houve o aumento do fluxo de informações vindo de diversos distribuidores ao mesmo tempo.

É preciso considerar, todavia, que o Brasil é um país desigual e, perante essa desigualdade, ainda existe dificuldade na adesão de novas tecnologias, principalmente por parte dos docentes que muitas vezes têm dificuldades com a transformação digital dantesca em curso.

> Uma das dificuldades as quais os professores encontram para aderir as tecnologias é a inclusão digital, que corresponde a uma mediação entre o indivíduo e o conhecimento tecnológico, sendo um fator importante e preocupante, pois o uso das tecnologias na educação passa a ser um problema generalizado, uma vez que, fora dos meios tecnológicos, o profissional nunca adotará nenhuma metodologia que se enquadre na

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

> utilização de novos equipamentos ou meios tecnológicos presentes na atualidade, sendo que muitos recursos existem na escola, porém o profissional não sabe operar devidamente aquela tecnologia (Sousa, 2020, p. 8).

Todavia, é possível constatar que essa tecnologia, concomitantemente, é inovadora e assustadora, basta ver, por exemplo, a inteligência artificial em filmes de ficção científica de décadas atrás, que hoje se tornou realidade.

O *ChatGPT* corresponde a um mecanismo de interação com esse tipo de inteligência, no qual por meio de um "bate-papo" é possível pedir desde piadas, histórias até dados diversos. De acordo com Roose (2022, p.2, tradução nossa):

> Ao contrário do Google, o ChatGPT não rastreia a web em busca de informações sobre eventos atuais e seu conhecimento é restrito a coisas que aprendeu antes de 2021, fazendo com que algumas de suas respostas pareçam obsoletas. (Quando pedi para escrever o monólogo de abertura de um programa noturno, por exemplo, ele veio com várias piadas atuais sobre o ex-presidente Donald J. Trump, saindo dos acordos climáticos de Paris). Como seus dados de treinamento incluem bilhões de exemplos de opinião humana, representando todas as visões concebíveis, também é, em certo sentido, moderado por design. Sem uma solicitação específica, por exemplo, é difícil obter uma opinião forte do ChatGPT sobre debates políticos carregados; geralmente, você obterá um resumo imparcial do que cada lado acredita[3].

No entanto, ainda que o *ChatGPT* seja uma ferramenta inovadora, principalmente pela sua capacidade de dar respostas sobre diversos assuntos, é preciso que haja uma moderação humana para sua utilização, inclusive no âmbito educacional.

> O conhecimento de alunos com desafios de IA relacionados ao viés potencial na saída, a necessidade de supervisão humana contínua e o potencial de uso

[3] *Unlike Google, ChatGPT doesn't crawl the web for information on current events, and its knowledge is restricted to things it learned before 2021, making some of its answers feel stale. (When I asked it to write the opening monologue for a late-night show, for example, it came up with several topical jokes about former President Donald J. Trump pulling out of the Paris climate accords.) Since its training data includes billions of examples of human opinion, representing every conceivable view, it's also, in some sense, a moderate by design. Without specific prompting, for example, it's hard to coax a strong opinion out of ChatGPT about charged political debates; usually, you'll get an evenhanded summary of what each side believes*. Texto traduzido pela plataforma Google.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

> indevido de grandes modelos de linguagem não são exclusivos da educação. Na verdade, esses desafios são inerentes às tecnologias digitais transformadoras. Assim, acreditamos que, se tratados de forma sensata pelo professor, esses desafios podem ser perspicazes nos cenários de aprendizagem e educação para familiarizar os alunos desde o início com possíveis vieses sociais e riscos da aplicação de IA[4] (Kasnesci *et al*, 2023, p. 3, tradução nossa).

Não causa surpresa, portanto, que o *ChatGPT* tem dado novas roupagens para velhos desafios, como é o caso de poder, segundo LO (2023, p. 2), "(...) ser usado para concluir tarefas escritas e exames em nome dos alunos, levando a preocupações sobre trapaça assistida por IA"[5]. Além do mais, é importante salientar que, "apesar de suas vantagens, o texto gerado é bastante superficial, sem graça, seco e genérico, sem uma 'voz' distinta na verdade, bastante robótico"[6] (Yardim *et al*, 2023, p. 3). Em acréscimo, esclarece ainda que:

> O cientista humano precisa ter conhecimento detalhado das últimas descobertas e tendências relevantes, incluindo seus pontos fortes e fracos e ser capaz de filtrar muito ruído para tirar conclusões. Nem todos os estudos são criados iguais e é essencial ser capaz de interpretar a importância relativa e a precisão de trabalhos individuais. Isso leva talvez à razão fundamental pela qual o ChatGPT não deve ser usado acriticamente na publicação acadêmica: a ferramenta não pode ser responsabilizada por decisões ou opiniões apresentadas[7] (Yardim *et al*, 2023, p. 3, tradução nossa).

[4] *The acquaintance of students with AI challenges related to the potential bias in the output, the need for continuous human oversight, and the potential for misuse of large language models are not unique to education. In fact, these challenges are inherent to transformative digital technologies. Thus, we believe that, if handled sensibly by the teacher, these challenges can be insightful in learning and education scenarios to acquaint students early on with potential societal biases, and risks of AI application*. Texto traduzido pela plataforma Google.

[5] *With its ability to provide specific answers to user questions, it can be used to complete written assignments and examinations on behalf of students, leading to concerns about AI-assisted cheating*. Texto traduzido pela plataforma Google.

[6] *Despite its pros the generated text is largely shallow, bland, dry, and generic, lacking a distinct "voice" - rather robotic really*. Texto traduzido pela plataforma Google.

[7] *The human scientist needs to have detailed knowledge of the latest relevant findings and trends, including their strengths and weaknesses and to be able to sift through a lot of noise to make conclusions. All studies are not created equal, and it's essential to be able to interpret the relative importance and accuracy of individual works. This leads to perhaps the fundamental reason why ChatGPT should not be used uncritically in academic publishing: the tool cannot be accountable for decisions or opinions put forward*. Texto traduzido pela plataforma Google.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Assim, deve-se considerar o impacto que essas ferramentas podem apresentar no mundo da pesquisa, aqui particularizado no âmbito da educação tecnológica, já que a facilidade tende a gerar o conforto de utilizar informações sem qualquer tipo de filtro ou checagem. Ora, vivemos em uma era em que a informação está ao alcance de nossas pontas dos dedos, nos tornando uma espécie de escravos tecnológicos, bastando ter acesso à internet por meio de *smartphones* ou *notebooks* para obter uma avalanche de dados sobre praticamente qualquer assunto.

Cenário que ao mesmo tempo é fascinante, enriquecedor e aterrorizante em função de atitudes menos críticas, que podem acarretar uma proliferação de *fake news*, teorias da conspiração e até mesmo desinformação. Nas palavras de Kasnesci *et al* (2023, p. 2, tradução nossa): "Existem considerações éticas, como preocupações sobre preconceito e o impacto desses modelos, por exemplo, no emprego, riscos de uso indevido e implantação inadequada ou antiética, perda de integridade e muito mais. "[8] Logo, se por um lado é fato que o *ChatGPT* já faz parte do cotidiano, estando presente, inclusive, na rotina acadêmica, de outro, deve-se frisar os desafios que esse tipo de ferramenta tecnológica engendra, como visto até aqui no que se refere ao senso crítico, a título de exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou refletir sobre a ética como ponto de partida para a construção de um ambiente acadêmico íntegro, onde a produção do conhecimento se baseie em princípios sólidos de responsabilidade, honestidade e respeito ao trabalho intelectual alheio que deve vir desde a Educação Básica. Para isso, buscou-se embasamento teórico na Filosofia e Sociologia frente aos desafios contemporâneos da sociedade digital e do uso da inteligência artificial a exemplo do chatGPT.

[8] *There are ethical considerations, such as concerns about bias and the impact of these models, e.g., on employment, risks of misuse and inadequate or unethical deployment, loss of integrity, and many more*. Texto traduzido pela plataforma Google.

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

Ao longo da pesquisa, restou evidente que o combate ao plágio na era da informação exige a adoção de práticas pedagógicas que incentivem a autoria, a criatividade e a reflexão crítica, isso porque tal prática não faz parte apenas de uma atitude individual considerada desonesta, mas sim de todo um contexto que se traduz na base formativa, pressões sociais, imediatismo por resultados e fragilidades referentes aos valores éticos no âmbito educacional. Nesse contexto, a atuação do professor é fundamental, pois cabe a ele não apenas transmitir conhecimento, mas também formar cidadãos conscientes de seus deveres éticos e morais.

Além disso, as análises acerca das contribuições de pensadores como Rousseau e Maquiavel permitiram compreender a fragilidade da atual sociedade no que tange às informações fáceis que surgem por meio da cultura digital, além de sua tendência consumerista e sua relação com os ditos valores do bem comum e a lógica utilitarista de resultados imediatos. Nesse sentido, o plágio aparece como sintoma de uma crise relacionada à dificuldade de promover a autonomia intelectual diante da quantidade de informações e da pressão por resultados.

O uso de tecnologias como o *ChatGPT* acrescenta um novo capítulo a esse debate, isso porque tais ferramentas oferecem potencial pedagógico inegável, mas exigem do educador uma forma de orientação mais criteriosa para que o estudante compreenda que a apropriação indevida de ideias constitui violação dos princípios que sustentam a vida em sociedade e que tais práticas comprometem a própria legitimidade da produção do conhecimento.

Assim, conclui-se que mais do que punir o plágio, é necessário investir na formação ética dos estudantes, construindo uma cultura de respeito à autoria e à produção do saber, pilares fundamentais para o desenvolvimento científico e para a consolidação de uma sociedade mais justa e responsável.

Ademais, como contribuição o presente artigo aponta para a necessidade de políticas pedagógicas que transitem entre a ética e tecnologia, formando estudantes que consigam dialogar de maneira crítica mediante as inovações digitais sem que se percam os princípios de honestidade e respeito ao trabalho intelectual. Contudo, para

CC BY

pesquisas futuras propomos realizar estudos de forma empírica, no intuito de investigar como práticas pedagógicas inovadoras podem diminuir a incidência de plágio, bem como analisar o impacto das inteligências artificiais no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AFONSO, A. J. A educação superior na economia do conhecimento: a subalternização das ciências sociais e humanas e a formação de professores. **Revista Avaliação**, Sorocaba, v. 20, n. 2, p. 269-291, jul. 2015.

ALBRECHT, Nayara Fátima Macedo de Medeiros. Direitos autorais e ambiente digital: interlocuções entre o público e privado. In: **XI Congresso de Direito de Autor e Interesse Público (XI CODAIP)**, Curitiba, 2017. GEDAI/UFPR, 2017.

ALMEIDA, F. C. de. Comportamento Desviante: O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista do Corpo discente do PPG-História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 1-22 jan./jul. 2011.

ARAUJO, N. C.; FACHIN, J. Evolução das fontes de informação. BIBLOS, [S. l.], v. 29, n. 1, 2016. Disponível em: https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463. Acesso em: 11 jul. 2023.

ASSIS, J. B. de; et al. O papel da leitura na construção de saberes e prática social. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, PR, v. 7, n. 1, p. 8934-8947, jan. 2021.

BASSETTE, Fernanda. Pesquisa: 87 % dos alunos chegam à universidade sem saber o que é plágio: levantamento da Unicamp consultou 958 estudantes; com base nos dados, instituição vai estabelecer política contra má-conduta nos trabalhos acadêmicos. **Veja**, São Paulo, 29 out. 2018. Disponível em: https://veja.abril.com.br/educacao/pesquisa-87-dos-alunos-chegam-a-universidade-sem-saber-o-que-e-plagio/. Acesso em: 28/08/2025.

CASTILHO, A. M. A. **A reinvenção do leitor:** Novas tecnologias e público infantojuvenil, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2022.

FARINA, C**. A percepção docente sobre as consequências do plágio para os Processos de ensino e aprendizagem na universidade**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2020.

GUERRA, A. de L. e R.; FONTES, N. de M. Ética, armas e religião: ambições e domínios do príncipe em Maquiavel. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 503–526, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i4.9236. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/9236. Acesso em: 20 abr. 2023.

HILL-YARDIN, E. L.; *et al*. **A Chat(GPT) about the future of scientific publishing**. 2023. Disponível em: https://www.elsevier.com/locate/ybrbi. Acesso em mai. 2023.

KASNECI, E; *et al*. **ChatGPT for good? On opportunities and challenges of large language models for education**. 2023. Disponível em: https://www.elsevier.com/locate/lindif. Acesso em 10 abr. 2023.

LEITE, Miguel Rodrigues. **A crise intelectual e comportamental do estudante causadas pelo consumo excessivo das novas tecnologias da informação a partir da reificação em Axel Honneth**. 2025. 153 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Petrolina, 2025.

MAZZINI, P. F.; BASTOS, C. Z. de A. A construção dos valores morais na escola por meio de práticas de virtude. **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, São Paulo, v.8, n. 1, p. 66-69, jan./jul.2016.

RAMOS, F. S. **Fraude acadêmica**: uma análise ético-legislativa. 2012. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2012.

REIS, R. C. B. dos; et al. Inovação na Economia Do Conhecimento: Uma Perspectiva Interdisciplinar. **XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2011, Marília, São Paulo.

ROCHA, T. F. B. da. **Felicidade e consumo**: o que a ética das virtudes tem a dizer para o século XXI. 2020. Dissertação (Mestrado em filosofia) - Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2020.

ROOSE, K. The Brilliance And Weirdness Of ChatGPT. **The New York Times**, 9 de dezembro de 2022. The New York Times Company. Artigo.

SILVEIRA, Z. **Plágio na academia**: reflexões sobre a integridade na pesquisa e a ética na formação docente e discente. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação e

CC BY

e-ISSN: 2177-8183

docência) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SOUSA, R. O. de. **A perspectiva da educação diante as tecnologias digitais no cenário escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Pedagogia) - Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, 2020.

STRECK, M. **UX60+**: Um estudo sobre a aproximação das interfaces digitais com uma geração. 2020. Tese (Doutorado em comunicação social) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

VILELA, T. R. F.; SILVESTRINI, J. P. A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À INTERNET NO BRASIL. **Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania**, [S. l.], n. 5, 2018. Disponível em: https://revistas.unaerp.br/cbpcc/article/view/1024. Acesso em: 25 abr. 2024.

Submetido em abril 2025
Avaliado em julho 2025
Publicado em abril 2026